



19º Congresso Brasileiro de Infectologia Pediátrica



Trabalhos Científicos

Título: Estudo Do Perfil Clínico E Epidemiológico Da Sífilis Congênita De Um Hospital Universitário

Autores: LUCIANA KORF CHINAZZO; LIEGE MOZZATTO

Resumo: Objetivos: Descrever a prevalência, o perfil clínico e epidemiológico da sífilis congênita (SC) no centro obstétrico de um hospital universitário, nos anos de 2014 e 2015. Metodologia: Foram considerados todos pacientes neonatos vivos, cadastrados como SC, registrados no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, e suas respectivas mães, cadastradas como sífilis em gestante, durante o período proposto. Os dados foram coletados em instrumento padrão. O estudo foi aprovado junto a Comissão de Pesquisas e Pós Graduação da instituição. Resultados: Houve 3198 nascimentos em 2014 e 3205 em 2015. Foram identificados 73 casos de SC em 2014 e 93 em 2015, todos correlacionados com o diagnóstico de sífilis materna. Em 2014, observou-se uma prevalência de 2,28%, correspondendo a 22,8 casos em 1000 nascidos/vivos, e 2,90% em 2015, representando 29,0 casos em 1000 nascidos/vivos, perfazendo um aumento de 27,2% nos casos notificados. Entre as pacientes com diagnóstico de sífilis materna, 46,7% realizaram 6 ou mais consultas pré-natais (PN) em 2014, com teste treponêmico positivo no PN em 83,5% dos casos, contra 52,7% com 6 ou mais consultas em 2015, e 80,6% com diagnóstico de sífilis durante a gestação. O tratamento materno foi considerado adequado em 45,2% das pacientes em 2014, e em 25,8% em 2015, sendo que 78,1% foram tratadas com penicilina em 2014 e 61,3% em 2015. Dos parceiros, 53,4% não realizaram o tratamento em 2014 e 45,2% não o fizeram em 2015. No perfil dos recém-nascidos (RN) avaliados com diagnóstico de SC, 67,1% apresentaram titulação de VDRL maior que 1:2 em 2014, e 54,8% em 2015, sendo que 5,5% dos pacientes apresentaram titulação de VDRL 4 vezes maior que a titulação materna em 2014 e nenhum em 2015. A radiografia de ossos longos apresentou alterações em 5,5% dos casos de SC em 2014, e 1,1% em 2015, não sendo realizado em 43,8% dos casos em 2014 e em 31,2% em 2015. O exame do líquido cefalorraquidiano (LCR) não foi realizado em 58,9% dos casos em 2014 e em 31,2% em 2015. O tratamento com penicilina foi realizado em 83,5% dos RN com diagnóstico de SC em 2014 e em 67,7% destes em 2015, não sendo realizado em 13,8% dos casos em 2014 e em 18,3% em 2015. Conclusões: No estudo, evidenciou-se uma prevalência elevada de sífilis congênita quando comparada à literatura, correlacionando-se com o baixo número de consultas pré-natais, com um aumento considerável entre os períodos estudados. Apesar de o tratamento instituído ser de fácil acesso e prevenir a transmissão da doença ao conceito, nota-se que o mesmo não está sendo realizado adequadamente, reduzindo a sua efetividade. O não seguimento do protocolo de realização de exames de imagem e coleta de LCR também expõe a possibilidade de não identificação de outras alterações que poderiam ser tratadas adequadamente, principalmente devido a dificuldade de seguimento do RN após a alta hospitalar. É fundamental evitar a perda de oportunidades de diagnóstico e tratamento, tanto da infecção materna quanto da criança, reduzindo-se, assim, as elevadas taxas de morbi-mortalidade determinadas pela infecção.